

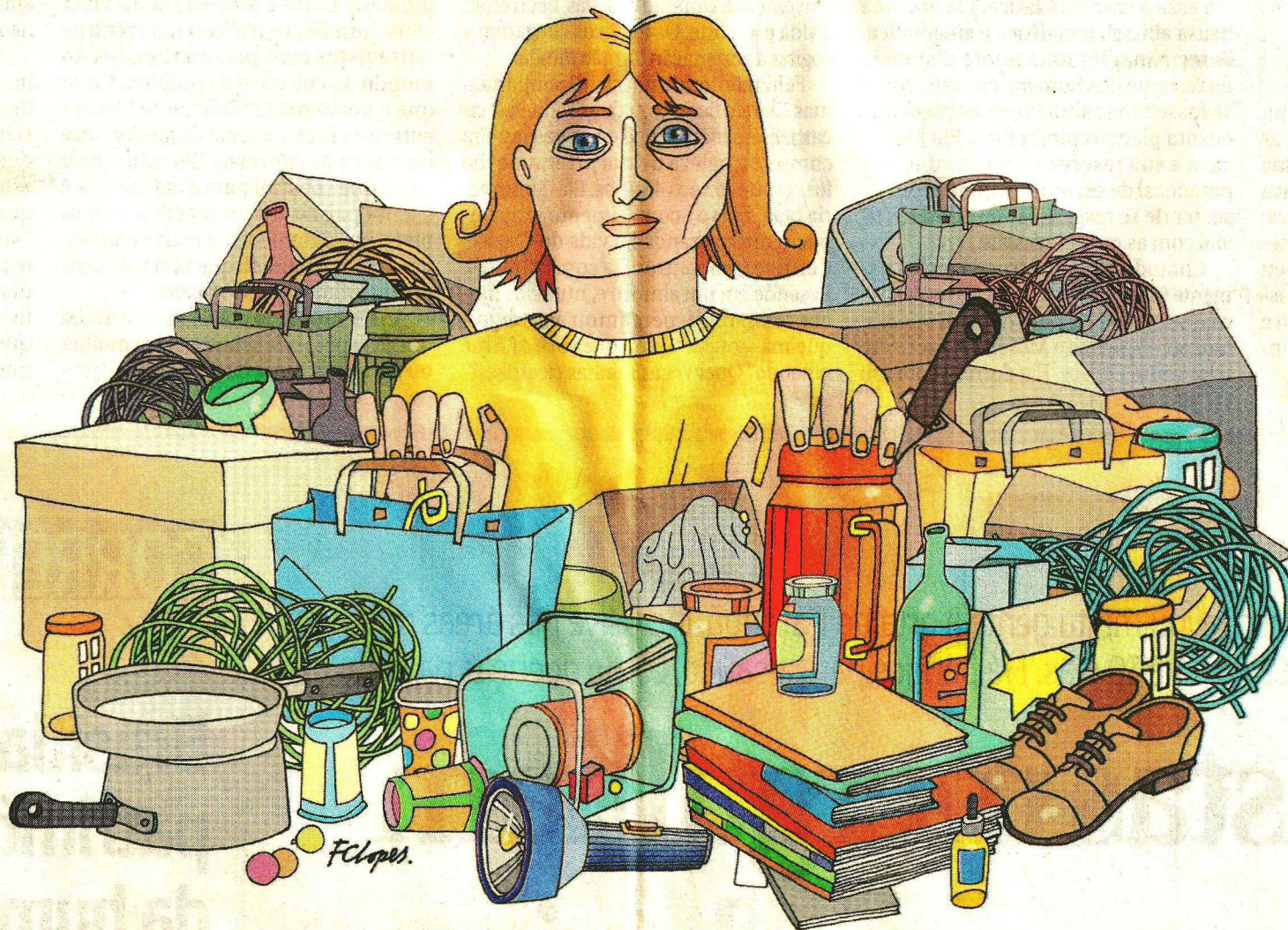
Irresistível hábito de acumular

» THÁIS CIEGLINSKI

Sala. Três quartos. Cozinha. Dois banheiros. Ótima localização. Quem vê a fachada da casa na 706 Sul nem imagina que, lá dentro, uma montanha de jornais velhos, vidros de maionese, caixas de leite, papéis, imagens de Nossa Senhora de Fátima, roupas e carrinhos de bebê dificultam o deslocamento pelos cômodos. Há sete anos, dona Isaura*, 65 anos, única moradora do imóvel, começou a guardar as suas "coisinhas". "Não consigo jogar nada fora, peguei amor em tudo", conta a aposentada. Mais do que dificuldade de se desfazer de objetos, muitas pessoas adquirem o incontrolável hábito de acumulá-los.

Isaura nunca se casou. Sem filhos, preenche os dias com atividades na igreja, aulas de hidroginástica e passeios com a cachorrinha da raça poodle. Desconfiada, não costuma convidar ninguém para visitá-la. Na tarde em que recebeu o *Correio*, conversou por quase uma hora na porta de casa até se sentir segura para convidar a reportagem a entrar. "Sou um pouco envergonhada, não gosto de gente palpitando na minha vida." Na cozinha, era difícil saber onde ficava o fogão, a geladeira e a mesa. Com um pouco de dificuldade, ela encontrou duas cadeiras. Ofereceu um copo de água e falou sobre a solidão que sente desde que perdeu a mãe, há pouco mais de quatro anos. "Ela me fazia companhia, eu a levava ao médico, viajávamos para Goiânia. Depois que ela morreu, passei a ficar mais em casa", diz.

Mesmo não relacionando a ausência da mãe ao hábito de acumular, Isaura é vítima de uma patologia, a síndrome de Diógenes. "Apesar de não sabermos a causa, ela pode começar depois de um episódio estressante, como a perda de um ente querido, por exemplo", revela a



psiquiatra Bárbara Perdigão Stumpf. De acordo com a especialista, o descuido com a casa é, na verdade, um desdobramento da negligência da pessoa consigo mesma. Diante da gravidade que o quadro pode alcançar, os sintomas apresentados pela moradora da Asa Sul visitada pelo *Correio* são considerados leves.

Assim como Isaura, a maioria das vítimas do problema são idosas e, além do colecionismo, tendem a descuidar da higiene pessoal e a guardar lixo. Com isso, é comum afastarem a família e incomodarem os vizinhos por conta do mau cheiro e dos insetos que passam a infestar os espaços. No DF, somente no ano passado, o Es-

tado passou a oferecer um serviço para atender esse tipo de reclamação. "Havia a demanda, mas nenhum órgão se responsabilizava. Decidimos assumir, porque é um trabalho que envolve risco de saúde e até de incêndio. Em muitos desses locais, há baratas, ratos e até escorpiões", revela Sérgio Bezerra, subsecretário de Operações da Defesa Civil.

Bezerra explica que o processo de retirada é bastante complexo e exige, além de muito planejamento, uma ação multidisciplinar. "Não é simplesmente entrar na casa e tirar o lixo. Isso é importante também, uma vez que ninguém pode colocar em risco a própria saúde e a integridade dos vizi-

nhos, mas vai além. As pessoas criam vínculos com aquelas coisas", afirma o subsecretário. Nos nove primeiros meses deste ano, foram recolhidas 430 toneladas de entulho em operações coordenadas pela Defesa Civil (veja quadro). Apenas em uma residência no Gama, com ajuda do Serviço de Limpeza Urbana (SLU), saíram 60 toneladas de resíduos.

As justificativas dadas por quem guarda os mais variados itens são diversas. "O maior argumento é que podem precisar dos objetos no futuro. A pessoa acredita que eles serão necessários, mesmo que não tenham mais nenhuma utilidade. Isso gera o sentimento de segurança, aumentan-

do a dificuldade de jogar fora o que armazenam. Alguns têm tanta compulsão por poupar dinheiro e se sentem tão culpados com o mínimo gasto que evitam comprar até o necessário", explica a psicóloga Teresa Cristina Maia Motta.

Convencimento

Antes de começar a retirada dos objetos, os funcionários do GDF costumam fazer entre cinco e 10 visitas ao acumulador para convencê-lo da necessidade da limpeza do local. Além disso, é oferecido tratamento psicológico a fim de evitar que, depois de removida a sujeira, a pessoa retome

o hábito. "Mas é preciso muito cuidado, para não gerarmos uma nova situação de estresse. Normalmente, a pessoa já está bastante fragilizada, não podemos piorar essa condição", observa Sérgio Bezerra. Segundo ele, a Defesa Civil tem hoje 10 solicitações em aberto feitas por pessoas incomodadas com vizinhos que não param de juntar tralha.

A atenção com quem sofre da síndrome de Diógenes também já mobilizou a equipe do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de Taguatinga. Depois de serem acionados pelo Ministério Público em função de queixas de moradores da cidade, os profissionais deram início a um trabalho para conscientizar uma moradora de aproximadamente 70 anos que vive sozinha em uma casa, atolada em entulho. "Os vizinhos haviam feito reclamações porque tinha muito bicho e um cheiro forte de lixo. Aos poucos, começamos a nos aproximar dela", conta Gustavo Murici Nepomuceno, psicólogo do centro.

Foram cerca de cinco meses de conversa para conseguir envolvê-la até que, em julho, a administração regional da cidade, em parceria com o SLU, começou a tirar o lixo da residência. Os caminhões recolheram toneladas de entulho do local, e larvas do mosquito da dengue também foram encontradas na casa da aposentada.

O trabalho ainda não terminou. Continua sendo feito de forma negociada. "Há cerca de 10 anos, a família decidiu interná-la e limpar a casa. Mas a ação não surtiu efeito. Ela voltou a acumular", diz Nepomuceno. Além disso, Helena* afastou-se dos parentes e isolou-se socialmente. No CAPS, ela começou a participar de oficinas terapêuticas e, com o tempo, a equipe conseguiu envolver parentes da paciente no processo. "Helena se reaproximou dos filhos e até conheceu netos que nunca tinha visto. Todos ganharam", relata, orgulhoso, o psicólogo.

ASCOM/ Administração de Taguatinga



GDF recolhe toneladas de objetos na casa de idosa em Taguatinga

» Palavra de especialista

Desleixo preocupante

"A síndrome de Diógenes se caracteriza pelo descuido extremo com a higiene corporal, negligência com o asseio da própria moradia, isolamento social e reduzido insight do problema, podendo haver colecionismo (acúmulo de quantidade apreciável de objetos inúteis e lixo). Acomete principalmente pessoas idosas que moram sozinhas, de personalidades independentes e dominadoras, podendo pertencer a qualquer classe socioeconômica. A causa é desconhecida, porém a hipótese mais aceita é a de que ela seja causada por estressores biológicos, psicológicos e sociais, associados à idade, em indivíduo com traços de personalidade predisponentes. Os pacientes chegam até os serviços de saúde, sobretudo em situações de urgência (por exemplo, perda de consciência) e também por meio de queixas de vizinhos (infestações, mau cheiro, risco de incêndio). É frequente a ocorrência de doenças clínicas e mentais nesses indivíduos. Cada caso deve ser avaliado e o tratamento deve ser feito por equipe multidisciplinar, com envolvimento da família e da comunidade. Apesar de ser um problema de saúde pública, com elevada taxa de mortalidade, a síndrome não recebe a devida atenção dos órgãos públicos."

Bárbara Perdigão Stumpf, psiquiatra

» Operação Limpeza

Até setembro, a Defesa Civil promoveu ações para recolher lixo e entulho em 10 residências no DF depois de receber denúncias de vizinhos.

Região	Casas	Lixo retirado (em toneladas)
Ceilândia	2	40
Samambaia	4	190
Santa Maria	2	75
Recanto das Emas	1	15
Gama	1	60
Candangolândia	1	15
Vila Planalto	1	35